

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

OS MAIÔS OLÍMPICOS: DOS PRIMÓRDIOS A DÉCADA DE 1970¹

Dra. Rosângela Soares Campos
Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia de Goiás / Câmpus Goiânia
rocamposgyn@gmail.com

Resumo: Este artigo tem como objeto analisar os maiôs olímpicos, dos primórdios a década de 1970, a partir dos diferentes modelos, tecidos utilizados e da influência dos aspectos sociais no design. Os maiôs operam como um espaço de comunicação das identidades nacionais das atletas, dos códigos de moralidade sobre a exposição corporal e como um elemento constituinte da espetacularização do esporte.

Palavras-Chaves: natação, maiôs e olimpíadas.

Abstract: This article aims to analyze the Olympic swimsuits, from the beginning to the 1970s, from the different models, fabrics used and the influence of social aspects in design. Swimsuits operate as a space for communicating the national identities of athletes, codes of morality about body exposure and as a constituent element of the spectacularization of sport.

Keywords: swimming, bathing suits and olympics .

INTRODUÇÃO

¹ Este artigo aborda reflexões desenvolvidas na minha tese intitulada “Um mergulho nas imagens do corpo e dos maiôs na natação olímpica feminina brasileira (1932-2016), sob orientação da profa Dra. Rita Moraes de Andrade.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Os trajes² competitivos da natação, conforme Bruce Wigo, *chefe executivo do hall* da fama da natação internacional, “são um reflexo dos valores sociais de cada período” (WEINER, 2008, n.p.). Wigo, nesse sentido, afirma ainda que o traje revela muito sobre o desenvolvimento do esporte e dos direitos das mulheres dentro e fora da piscina. Assim, o estudo dos maiôs das nadadoras olímpicas ao longo da história não busca apenas apresentar os diferentes modelos e tecidos utilizados, mas também a produção de sentidos e o contexto social no qual foram inseridos.

Os maiôs foram analisados partir da primeira participação da natação feminina em Olimpíada até a década de 1970, período em foi banido a saía da modéstia e como consequência, os maiôs tornaram-se mais leves e menos volumosos. Foram analisados apenas os maiôs das seleções australianas e americanas, seleções que inovaram no uso de tecnologias e no design na elaboração dos maiôs. A metodologia consistiu na análise dos maiôs disponíveis no museu australiano- Museum Applied Arts and Sciences (MAAS) e, nos artigos de Campbell (1974) e Khosla e Pierson (2016).

OS MAIÔS DAS NADADORAS OLÍMPICAS

A primeira participação das mulheres nas provas de natação só ocorreu nos Jogos de Estocolmo, em 1912, ou seja, dezesseis anos após a primeira edição dos jogos, realizada em Atenas, em 1886 (SWIMCHANNEL, 2016). O idealizador dos jogos, o Barão de Coubertin, era avesso à participação feminina e seguia fielmente a tradição dos Jogos Olímpicos da Antiguidade, em que somente homens competiam (MIRAGAYA, 2002).

Nos primeiros Jogos Olímpicos, os maiôs eram confeccionados com seda, e o modelo cobria dos quadris aos ombros, como podemos observar na Figura 01 (KHOSLA; PIERSON, 2016). A seda, por conferir maior resistência, elasticidade e leveza, era utilizada na fabricação dos maiôs para competição; e o algodão era usado para os maiôs

² Traje é o termo usado para as vestimentas usadas na natação, tanto masculina quanto feminina.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

de treino (RIBEIRO et al., 2010). Entretanto, o maiô de seda, ao ser molhado, tornava-se transparente, o que levou muitas atletas a usarem roupas íntimas por baixo dos maiôs. (KHOSLA E PIERSON, 2016). Devido a essa transparência, os homens foram proibidos de assistir às competições femininas.

Figura 1: Nadadoras australianas nas Olimpíadas de Estocolmo, 1912.



Fonte: Khosla e Pierson (2016).

Os primeiros Jogos Olímpicos foram um espaço importante para apresentar o que seriam as vestimentas esportivas adequadas para as mulheres, ou seja, vestimentas que destacavam a feminilidade ideal e como as mulheres deveriam vivenciar o esporte olímpico.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Entretanto, algumas nadadoras começaram a se preocupar mais com sua performance do que com a avaliação social sobre sua vestimenta (SCHWEINBENZ, 2000).

Na terceira edição dos Jogos, em que houve a participação feminina (Jogos de Antuérpia, 1920), os maiôs tiveram alterações marcantes em relação aos usados em edições anteriores, como uma maior exposição dos ombros e decotes, o que promoveu uma maior liberdade de movimento, mas por outro lado, houve a exigência do uso da saia da modéstia (SOKOLOWSKI, 2016), um resquício de valores vitorianos (prescreviam o uso de roupas que restringiam os movimentos das mulheres).

Lipovetsky (1989) afirma que o estilo de vida esportivo surgido a partir de 1920 não só permitiu o desenvolvimento de roupas esportivas específicas, mas influenciou a moda feminina em geral e contribuiu para uma maior exposição do corpo feminino. Exibir determinadas partes do corpo, como braços, pernas e barriga, antes impensáveis, foi aos poucos se tornando natural, “libertando o corpo das armaduras e trucagens excessivas do vestuário”. O autor afirma ainda que “os estilos versáteis, funcionais, sexy não são separáveis da voga crescente dos esportes” (LIPOVETSKY, 1989, p. 76), isso significa que as roupas esportivas, além de confortáveis e permitirem uma melhor performance atlética, enfatizavam o corpo sensual.

No final dessa mesma década o modelo *Racerback* da Speedo (Figura 2) de 1927, causou polêmicas por deixar os ombros e as escápulas expostos. Esse modelo, também chamado de *Fortitude*, permitia uma maior mobilidade dos braços e foi projetado inicialmente como traje de banho para mulheres, mas foi adotado por nadadores profissionais, pois, devido à abertura nas costas e ombros de fora, permitia uma performance melhor na água. A nadadora australiana Clare Dennis, de 16 anos, foi medalhista de ouro nos Jogos Olímpicos de 1932 usando um *Racerback* (ASA, 2016). Entretanto, ela foi temporariamente desqualificada dessa edição, pois houve uma preocupação inicial se o maiô cobria adequadamente suas escápulas (FOUCHÉ, 2017).

Figura 2. Nadadora Clare Denis e Johnny Weussmuller

Figura 3: Detalhe das costas - Racerback

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Khosla e Pierson (2016).



Fonte: Página da Speedo³

As características inovadoras do *Racerback*, tanto no que se refere ao design, quanto à fibra utilizada na fabricação do maiô, possibilitaram ao nadador uma menor resistência na água, maior conforto e liberdade de movimento, “eliminando tecidos desnecessários” (BARSOTTI, 2012, p. 6). Na Figura 2, Clare Dennis usa um modelo de cor branca, com “saia da modéstia”; e na Figura 3, é observado o modelo das costas. Destaca-se que, se por um lado os maiôs buscavam a funcionalidade, por outro eles estavam de acordo com a moda da época. Para Picone (2015, p. 8), “Hollywood e *Vogue* popularizaram a ideia de os maiôs serem sexys e glamorosos, uma tendência que persistiria nas próximas décadas”.

Na década de 1940 duas edições dos jogos (Tóquio, 1940, e Londres, 1944) foram suspensas devido a Segunda Guerra Mundial. Os jogos retornaram em 1948, com os Jogos de Londres. Nesse período, os maiôs diminuiriam de tamanho e foram influenciados pelo

³ Disponível em: <https://www.speedo.com/uk/en/explore/blog/wellbeing-and-relaxation/67abc6f1-78af-421b-8713-421ab28aaf69.html>. Acesso em: 11 de nov. 2018

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

modelo do biquíni, lançado em 1946: uma vestimenta de banho constituída de duas peças, com menos tecidos que os antecessores. Barsotti ressalta que “o lançamento do biquíni foi considerado fator marcante [...] nas roupas para natação de competidores”. (BARSOTTI, 2012, p. 7).

Na década de 1950 foi introduzido um novo material, o nylon, um tecido mais resistente, elástico, com secagem rápida e facilidade de tingimento, o que permitiu o aparecimento de cores (SHISHOO, 2005). Com a introdução do nylon, as cores, além do marinho, começaram a aparecer nas piscinas de competição, sendo o vermelho e o royal as preferidas (BARSOTTI, 2012, p. 7).

A Speedo foi a primeira empresa a usar o nylon em seus maiôs. Além de inovar no tecido, “continuou a empurrar os limites culturais, sociais e tecnocientíficos [...]”, na medida em que se tornou sinônimo de um maiô pequeno e revelador” (FOUCHÉ, 2017, p. 35). Para a elaboração do modelo e dos experimentos com o novo tecido, a empresa consultou as nadadoras Daw Fraser e Lorraine Crap (SHISHOO, 2005). Nas Olimpíadas de 1956 em Melbourne, a Speedo projeta-se para o mundo ao vestir a seleção australiana de natação detentora de oito medalhas de ouro (MUNDO DAS MARCAS, 2014). A nadadora australiana Barbara Evans usou um maiô monocromático com uma saia da modéstia, decote em U e justo ao corpo.

No que diz respeito aos avanços tecnológicos aplicados ao maiô, em sua maioria não causavam polêmicas, pois as conquistas atléticas ainda eram mérito do desempenho atlético individual (FOUCHÉ, 2017, p. 35) e não das vestimentas, diferentemente dos maiôs tecnológicos do século XXI que, se tornaram tão importantes quanto os atletas, pois tinham grande impacto no desempenho desses.

Na década de 1960, o nylon continuou sendo o principal tecido dos maiôs de natação (RIBEIRO et al., 2010). Como salienta Barsotti (2012, p.08) “reconhecendo as boas propriedades de tingimento e estampagem do nylon, introduziram-se modelos em forma de listras, em roupas para competição”, como o usado pela seleção australiana nas Olimpíadas de Tóquio, em 1964. Esse maiô foi criado pela designer Glória Smythe. Ela estudou a hidrodinâmica da natação, ou seja, o movimento do nadador na água, projetando designs revolucionários, combinando funcionalidade e moda (MASS, 2017).

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

O modelo desse maiô virou referência, e foram lançadas em cada estação padronagens e cores diferentes.

Os maiôs desenvolvidos por Glória Smythe nas Olimpíadas de Tóquio para as equipes americana e australiana tinham o mesmo modelo; o que os diferenciavam eram as cores e a estampa: a primeira equipe com estrelas, e a segunda com listras.

O maiô usado pelas australianas (Figura 4) está disponível no museu virtual Museum of Applied Arts & Sciences. O logotipo preto e vermelho da Speedo foi costurado no quadril direito, e o emblema bordado de verde e amarelo foi centralizado próximo ao decote. Esse maiô foi confeccionado em nylon e ainda possuía a “saia da modéstia”. As costas possuíam um design inovador e ousado em formato de V, em nada parecido com o modelo *Racerback* de 1927.

Conforme Smythe, em entrevista concedida a Hanna (2007, n.p.), até as Olimpíadas de Tóquio, em 1964, os maiôs eram monocromáticos, mas, a partir dessa edição dos jogos, houve inovação com a inserção de listras verticais e com a inclusão dos tons verdes e ouro nos maiôs da equipe australiana, além do vermelho, branco e azul nos maiôs da equipe americana.

Figura 4. Maiô da seleção australiana, detalhe da frente.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Museum of Applied Arts & Sciences ⁴(2014)

Em meados da década de 1960, houve a extinção da regra da natação que restringia o uso de cores nos maiôs, um movimento conduzido, em especial, pela televisão que impulsionou o uso de vestimentas “visualmente mais atraentes”, tanto para os atletas quanto para os espectadores. Além disso, houve a introdução de novos corantes, que permitiram a variação de cores, como o vermelho e o azul, para além do marinho. (SHISHOO, 2005, p. 51).

Nos Jogos Olímpicos do México, em 1968, vinte e dois, dos vinte e três nadadores que bateram o recorde mundial usavam trajes da Speedo (CRUZ, 2012). Nessas Olimpíadas, Smythe estampou os maiôs (Figura 5) da seleção feminina australiana com a *wattle* dourada, uma planta nativa que é o símbolo floral da Austrália. No emblema, colocado na altura do peito, foram colocados os cangurus, outro símbolo do país, além dos anéis olímpicos e do nome do país. Esse maiô foi confeccionado em nylon e, assim

⁴ Disponível em : < <https://www.maas.museum/>> Acesso, em jan. 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

como o modelo usado nas olimpíadas de Tóquio (1964), tinha uma saia da modéstia e um decote V atrás (MAAS, 2017).

Figura 5. Maiô da seleção australiana, 1968. Jogos Olímpicos do México



Fonte: Museum of Applied Arts & Sciences- MAAS⁵ (2017)

Nas Olimpíadas de Munique, em 1972, a Speedo introduziu a Lycra nos maiôs de competição. Esse material já era usado em outros setores desde o início da década de 1960 e modernizou a moda praia por ser leve e aderir ao corpo (SHISHOO, 2005). Poli (1995, p. 102) ressalta que “as características do novo material não foram apreciadas imediatamente por todos: foram consideradas por muitos como ousadas demais, já que não ocultava em nada o corpo feminino”, mas por outro lado, possuía características superiores ao nylon, como uma maior durabilidade e extensibilidade (BARSOTTI, 2012).

Smythe novamente foi responsável por projetar o maiô da seleção australiana e de vários outros países. Entretanto, ela não utilizou a lycra para elaborar o maiô da equipe

⁵ Disponível em : < <https://www.maas.museum/>> Acesso, em jan. 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

australiana que foi confeccionado em 100% nylon *tricot*⁶ e era estampado com nuvens e estrelas, nas cores verde e amarelo, com um emblema semelhante ao impresso na Olimpíada anterior. O logotipo da Speedo, vermelho e preto, foi aplicado no quadril direito. O maiô apresentava uma saia de um quarto e um decote V atrás similar ao modelo usado nos Jogos de Tóquio, em 1964 (MAAS, 2017).

Embora nas Olimpíadas de 1972 já fosse possível utilizar os maiôs sem a saia da modéstia, Smythe optou por retirá-la somente na Olimpíada seguinte, em 1976. “Ela foi a primeira a tirar as ‘saias da modéstia’ dos maiôs, a deixá-los mais cavados e leves” MAAS (2017, n.p.). A exclusão da saia não foi inicialmente aceita por todas as instituições. No manual da União Atlética Amadora (AAU), organização oficial dos esportes amadores dos Estados Unidos, havia um artigo sobre o uso obrigatório de saias de modéstia. A AAU só sancionou o uso da saia mediante os fatos ocorridos com o maiô *belgrad* (CAMPBELL, 1974), “o primeiro traje sem saia a ser aprovado pela União Atlética Amadora para competição” (CROUSE, 2008, n.p.).

Os primeiros maiôs *belgrads* foram usados pelas nadadoras da Alemanha Ocidental. O maiô reduzia o arrasto⁷ por meio da modelagem; o decote alto, por exemplo, impedia a passagem da água e, conseqüentemente, diminuía o atrito. Por outro lado, o maior inconveniente do maiô era o fato de ele ser feito de algodão fino, o que o tornava transparente ao molhá-lo. A versão de 1973/1974, um pouco menos reveladora que a anterior, foi feita de lycra, colada ao corpo como uma segunda pele e sem forro (CAMPBELL, 1974).

Dianne Rothhammer, mãe de uma atleta norte-americana, ao assistir uma competição na Iugoslávia, em que as alemãs venceram 10 das 14 provas e usavam o *belgrad*, concluiu que “os alemães do leste não poderiam estar tão bem treinados do que nós. Os maiôs tiveram que ter algo a ver com isso” (CAMPBELL, 1974, p. 46). Ela, então, resolveu importar os maiôs para os Estados Unidos, embora alguns atletas e pais

⁶ Na descrição do maiô usado nas Olimpíadas de 1972, que está no acervo digital do MAAS (2017), o tecido utilizado é *Nylon Tricot*. Essa informação, entretanto, não está alinhada com SHISHOO (2005), o qual afirma que nessas Olimpíadas a Speedo já havia introduzido a Lycra.

⁷ Refere-se à resistência que o corpo do nadador tem ao se deslocar na água. (MANSOLDO, 2014)

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

afirmassem que os maiôs eram muito provocativos. “Os próprios nadadores não se olham”, afirmou uma nadadora (CAMPBELL, 1974, p. 46).

Os norte-americanos logo passaram a usar o *belgrad*, pois estavam convencidos de que a atuação dos alemães orientais se devia em parte ao uso do maiô. A primeira americana a usá-lo foi Shirley Babashoff (Figura 6), em uma competição em Dallas, quando ela bateu o recorde americano de nado livre. “Eu sinto que os maiôs não são indecentes, contanto que todos os usem”, disse Babashoff (CAMPBELL, 1974, p. 46). O gerente norte-americano da Speedo, Bill Lee, afirmou que “os trajes são grosseiros”, por isso a empresa fez uma nova versão do *belgrad*, só que com forro, sendo 78% de nylon e 22% de *lycra* (CAMPBELL, 1974, p. 46).

Figura 06: Nadadora Shirley Babashoff



Fonte: Campbell (1974, p. 46).

Nas Olimpíadas de 1972, em Munique, o *belgrad* não fez tanto sucesso. As alemãs orientais usaram uma versão com gola alta do *belgrad*, a mesma usada no mundial em 1969, mas as performances das nadadoras alemãs não foram surpreendentes como no mundial (CAMPBELL, 1974). Entretanto, “o design apertado de *belgrad* abriu os olhos

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

dos fabricantes de maiôs para reconhecer a importância de reduzir o arrasto através de maiôs justos”. (MEYER, 2013, n.p.).

Nas Olimpíadas de 1976, em Montreal, a Speedo criou os maiôs das seleções americana e australiana, e estampou os mapas dos respectivos países nas peças (MAAS, 2017). Essa busca da identificação dos países por meio da impressão de mapas e bandeiras nos maiôs se deve, provavelmente, ao contexto político e econômico em que o mundo vivia, a Guerra Fria, uma disputa ideológica e militar por áreas de atuação ao redor do mundo, entre Estados Unidos da América (capitalista) e União Soviética (socialista), em meio à qual o esporte foi utilizado como propaganda política. Nesse contexto, a guerra foi transferida para as piscinas, quadras e pistas; e, quanto maior o número de medalhas, mais poderosa seria a potência. Até hoje ainda podemos verificar resquícios das rivalidades dos países nas piscinas. Oliveira et.al. (2012, p. 178), ao analisarem o corpo nas Olimpíadas de Pequim, afirmam que “o desporto individual, mesmo tendo provas de revezamento, a natação se caracterizou nitidamente enquanto um confronto entre indivíduos e nações”.

Nesse cenário, em que o esporte foi utilizado como instrumento político, os maiôs dos atletas sinalizam suas opções ideológicas, por meio dos mapas e bandeiras do país defendido. Eco ratifica o caráter ideológico das roupas, ao afirmar que:

A linguagem do vestuário, tal como a linguagem verbal, não serve apenas para transmitir certos significados, mediante certas formas significativas. Serve também para identificar posições ideológicas, segundo os significados transmitidos e as formas significativas que foram escolhidas para transmitir. (ECO, 1989, p. 40).

Isso significa que os maiôs podem carregar as tensões de seu momento histórico. A utilização dos mapas e bandeiras⁸ por Smythe não é apenas uma questão estética, mas uma forma de transmitir uma mensagem política por meio da vestimenta. Os maiôs, dessa

⁸ Para Harley (2009) em um nível simbólico, os mapas reforçam quem está no poder, carregam seus discursos, tanto no conteúdo, quanto na forma de representação, selecionam mensagens e silenciam e reconstruem informações. A bandeira, a exemplo do mapa, também é um símbolo de identificação, de pertencimento de grupos sociais e “sinal distintivo de poder ou de comando, ideologia e expressão” (SEYSSSEL, 2006, p. 13). Portanto, os maiôs e seus aspectos constitutivos, como cor, impressão de mapas e bandeiras, sinalizam algo. Ao estampar a bandeira nos maiôs, Smythe não só permite a identificação dos atletas, mas ela também remonta à ideia de força e poder dos Estados Unidos e da Austrália

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

maneira, se transformam em uma forma de identificação do sistema ao qual pertencem, um meio de reforçar o discurso e o conflito e, assim, deixar em evidência a disputa pelo poder. Os maiôs, com seus discursos, sentidos e representações, auxiliaram os Estados Unidos, por exemplo, a construir no imaginário social a imagem de invencibilidade.

Além dessas questões de nível simbólico, é preciso ressaltar que a composição gráfica dos maiôs também deveria atender a uma demanda mercadológica. Afinal, a cada edição dos Jogos Olímpicos aumentava a audiência, a importância do marketing, do aparato tecnológico e, conseqüentemente, do lucro. Diante disso, os maiôs precisavam ter elementos atraentes; com isso, ficaram mais coloridos e cavados.

As Olimpíadas tornavam-se a cada edição mais lucrativas e espetaculares. E as empresas que fabricavam maiôs, como a Speedo, acompanharam essa mentalidade mercantil, ao projetar maiôs visando à alta performance e em conformidade com a moda. Dessa maneira, os maiôs passam a compor o cenário do grande espetáculo que são as provas de natação olímpica.

O modelo, com mapas e bandeiras, veio acompanhado do uso de um novo tecido: o elastano, que passou a ser utilizado em função de suas propriedades, extensibilidade e leveza. Além disso, veio a ideia de que, quanto menor a superfície de contato do maiô com a água, menor atrito e resistência e, conseqüentemente, melhor resultado (RIBEIRO et al., 2010).

A Arena foi a empresa que inovou com o uso do elastano. Ela produziu o *skinsuit Arena*. Muitos treinadores desse período afirmaram que vestindo Arena era “como ir da hélice para o jato” (CAMPBELL, 1974, p.49). Os especialistas afirmaram que esse maiô minimizava o arrasto. Ele era colado ao corpo; nas costas, apresentavam variações do modelo *Racerback*, e ele podia ser nas cores do clube ou da bandeira de determinado país, como pode ser visto na Figura 07 (CAMPBELL, 1974).

Figura 07: Maiô skinsuit Arena

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021



Fonte: Campbell (1974, p. 48).

Diante do sucesso estrondoso do americano Mark Spitz e da australiana Shane Gould nas Olimpíadas de 1972, a Arena os convidou para uma parceria, e em 1973 lançou, para a Spitz, um traje ultraleve: o *skinfit*, com apenas 18 gramas, projetado de maneira a aderir totalmente ao corpo. No ano seguinte, a empresa lançou uma coleção de maiôs com o nome de Gould (ARENA, 2016). A Arena tornou-se uma das principais rivais da Speedo na fabricação dos maiôs de natação competitivo. Esse é o início de uma competição para além das piscinas, em que a luta pelo mercado permitiu o desenvolvimento de novos produtos. Cada vez mais, os maiôs se tornavam mais leves e menores, aumentando a exposição corporal, pois o tamanho do traje em si era visto como um obstáculo na busca da alta performance.

CONCLUSÃO

Nos primeiros Jogos Olímpicos, em que houve a participação feminina, os maiôs foram símbolo da moral e do pudor, evidenciado pelo excesso de tecidos e grande cobertura corporal, o que limitavam a performance das nadadoras. Isso revela o impacto dos maiôs nas experiências esportivas femininas restringindo-as.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

Mas a cada edição dos Jogos as nadadoras ignoravam as convenções sociais e ousaram a mostrar partes do corpo antes impensáveis de serem expostas, como os ombros e escápulas. O desejo pela vitória, tão marcante entre os competidores masculinos, fez-se primordial para que as mulheres se aventurassem em exhibir seus corpos, evidenciando a chegada de novos códigos de apresentação do corpo feminino na natação. Os tecidos em excesso, expressão das condutas sociais, foram eliminados em prol da alta performance nas piscinas.

A partir da Guerra Fria os maiôs, também passam a ser uma forma de comunicação da identidade nacional da atleta. E na década de 1960 a televisão e as demandas mercadológicas impulsionaram os maiôs a um processo de espetacularização, tornando-os cada vez mais coloridos e cavados.

Portanto, os maiôs são um veículo importante para a compreensão do corpo feminino na natação, do contexto social e enquanto parte do processo de espetacularização do esporte.

REFERÊNCIAS

ARENA. **1973-1983: first decades, the innovations**, 2016. Disponível em: https://www.arenawaterinstinct.com/en_au/history/1973-1983/.> Acesso em: 10 de jun de 2016.

BARSOTTI Tagli. A história dos trajes de natação. **ABMN Informativo** Out/nov/dez/2012. Disponível em: <<https://www.abmn.org.br/wp-content/uploads/2016/01/ABMN82.pdf> .> Acesso em: 10 de fev de 2019.

CAMPBELL, Jule. Light, tight and right for racing: A mere ounce or so of miracle fabric makes up the new skinsuit that is sweeping the swimming world. In: **Sport Illustrated**, ago. de 1974.

CRUZ, Andrea da Silva. **Desenvolvimento de fatos de banho para competição em natação pura**. [Dissertação]. Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de belas artes, 2012.

CROUSE, Karen. A veteran of the swimsuit wars of 1974 on the Swimsuit Wars of 2008. **New York Times**, 18 de mai de 2008. Disponível em: <https://beijing2008.blogs.nytimes.com/2008/05/18/a-veteran-of-the-swimsuit-wars-of-1974-on-the-swimsuit-wars-of-2008/> >. Acesso em: abr. de 2017.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

ECO, Umberto. O hábito fala pelo monge. **Psicologia do Vestir**. 3. ed. Lisboa: Assírio e Alvim, 1989.

FOUCHÉ, Rayvon. **Game changer: The techno-scientific revolution in sports**. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 2017.

HANNA, Jay. Queen of the design pool, 2007. Disponível em :<<http://www.perthnow.com.au/lifestyle/queen-of-the-design-pool/news-story>> Acesso em 3 de abr. de 2017.

HARLEY, Brian. Mapas, saber e poder. **Confins**, n. 5, 2009.

KHOSLA, Prama; PIERSON, Elizabet. Sexism, Silk, and Shark Skin: Witness the Evolution of Olympic Swimwear. **Glamour**, 2016. Disponível em: <<https://www.glamour.com/story/the-evolution-of-olympic-swimwear>>. Acesso em: 3 de mai de 2017.

LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

MANSOLDO, A. 2014 Fatores hidrodinâmicos de interferência no rendimento da natação. **Revista digital**. Buenos Aires. Ano 19 nº 194. Disponível em: <<https://www.efdeportes.com/efd194/interferencia-no-rendimento-da-natacao.htm>>. Acesso em 18 de mar 2019.

Museum Applied Arts and Sciences. **MAAS**, 2017. Disponível em: Museum of Applied Arts and Sciences. Acesso em: jan de 2017.

MEYER, David. The need for Speed: How high-technology swimsuits changed the sport of swimming. **Swimswam**, 2013. Disponível em: <<https://swimswam.com/wp-content/uploads/2013/06/The-Need-for-Speed-How-High-Technology-Swimsuits-Changed-the-Sport-of-Swimming.pdf>> Acesso em: 23 de out. de 2017.

MIRAGAYA, Ana. M. S. Mulher olímpica: tradição versus inovação na busca pela inclusão. **Estudos Olímpicos**, 2002.

MUNDO DAS MARCAS, 2014. Disponível em: <<http://mundodasmarcas.blogspot.com.br/2006/05/speedo-vida-aquatica.html>> Acesso em: 4 de mai. de 2017.

OLIVEIRA, Andressa Vilha; PIMENTEL, Giuliano Gomes Assis; MUHLEN, Johanna Coelho Von. O corpo olímpico no cubo d'água. : **Revista Motrivivência**. Ano: XXIV, n. 38, p. 174-186, junho de 2012.

ANPUH-Brasil – 31º Simpósio Nacional de História Rio de Janeiro/RJ, 2021

PICONE, Kiri; KUROSKI, John. Your bikini: a brief history of women's swimwear. **Allthatsinteresting**, 2015. Disponível em: <<http://all-that-is-interesting.com/history-of-womens-swimwear/2015>>. Acesso em: 3 de abr. de 2017.

POLI, D. D. **Beachwear and Bathing- costume**. Modena: Zanfi, 1995.

RIBEIRO, Maria Carolina Beltran; MARCICANO, João Paulo, VICENTINI Claudia Regina Garcia; Sanches, Regina Aparecida. Maiôs de performance: matérias-primas e tecnologias. **Anais do 6º. Colóquio da moda**, São Paulo, p.1-5, 2010.

SCHWEINBENZ, Amanda . Not just a Fashion Statement: Bathing Suits, Uniforms, and Sportswear in the Early Olympic Games. **International olympic academy – Report on the I.O.A.'S Special sessions and seminars**, 2000.

SEYSSEL, Ricardo. **Um estudo histórico perceptual: a bandeira brasileira sem Brasil**. [Dissertação]. Universidade Estadual Paulista. Instituto de Artes. Mestrado em Artes, 2006.

SHISHOO, Roshan. **Textiles in Sport**. Woodhead Publishing, 2005.

SOKOLOWSKI, Susan. A visual history of women's Olympic uniforms (1900–2016). **Youforher**, 2016. Disponível em: <<https://youforher.aleteia.org/articles/differentuniforms-of-womens-olympic-over-the-ages/2016>>. Acesso em: 10 de mar. de 2017.

Natação e Olimpíadas: uma longa história. **Swimchannel**, 2016. Disponível em: <<https://swimchannel.blogosfera.uol.com.br/2016/01/06/natacao-e-olimpiadas-uma-longa-historia/?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 10 de jan. de 2017.

WEINER, Jay. Olympian swimsuits, threads of history .The full-body LZR Racer is seen as a breakthrough in reducing drag. Suits have changed dramatically in recent decades. **Csmonitor**, 2008. Disponível em: <<http://www.csmonitor.com/Technology/Tech-Culture/2008/0702/in-olympian-swimsuits-threads-of-history>>. Acesso em: 29 de nov. 2016.